

General Prim, conde de Reus, marquez de Castillejos

I

De sobejo tem sido excitadas nos ultimos dias as attenções, e interessada a curiosidade do publico pelos recentes successos de Hespanha, e mais ainda pela presença do illustre caudilho, a quem aprouve largar ainda uma vez o conchego domestico, arriscando a propria cabeça, para collocar-se á frente de uma revolução, que, apesar do desfecho, muitos insistem em considerar inevitavel. É certo que para ella se congregavam de longo tempo, ao que parece, elementos que afiançavam as probabilidades de não custoso triumpho. A Providencia, porém, que rege e encaminha por vias ignoradas os destinos dos povos, quiz que outro fosse o resultado.

Não porque a sorte das armas chegasse a ser-lhe adversa no campo, mas pela contrariedade de embaraços e transtornos, attribuidos a causas, das quaes umas facilmente se imaginam, outras só poderão ser no futuro explicadas, o ousado chefe viu abortar seus planos, falho dos recursos com que contára para os levar ávante: e perdidas as esperanças, teve, sequer temporariamente, de abandonar as fronteiras da patria, para vir procurar entre visinhos o refugio e agasalho devidos ao infortunio.

Acolhidos elle e os seus de braços abertos na terra hospitaleira de Portugal, salvo momentaneamente dos perigos que o ameaçavam, e saudado com effusões de verdadeira e sympathica cordialidade, que nem sempre se deparam em taes conjuncturas, dependia do illustre exilado tornar menos afflictiva a sua situação, aproveitando em utilidade propria os sinceros desejos dos que nada poupariam para suavisar-lh'a.

Prevalecendo em seu animo brioso a necessidade de justificar-se aos olhos de patricios e correligionarios do mau exito da tentativa, e de significar-lhes que se aquella se frustrára por lances imprevistos, apparelhado estava para segundar a empreza sob melhores auspicios, aventurou-se a um passo inconsiderado, que obteve de conselheiros ou amigos menos prudentes acquiescencia e applauso, senão incitamento. As consequencias eram faceis de prever. Dado esse passo, ficava sendo impossivel perante o direito e a boa razão a persistencia entre nós do nobre proscripto, como foi ampla e victoriosamente demonstrado no parlamento e na imprensa, por modo que parece não admittir já sombra de dúvida em espiritos despreoccupados.

Veremos, pois, com mágoa largar de nossas praias, em busca de novo abrigo, aquelle a quem, por diversas considerações, qual mais ponderosa, quizeramos tornar menos acerbas as amarguras de um exilio, cuja duração e acabamento estão reservados nos decretos inescrutaveis do soberano motor do universo!

A empreza do *Archivo Pittoresco*, empenhada como sempre em que nas paginas d'este semanario se registem todos os factos e occurrencias notaveis e interessantes para o nosso paiz sob qualquer aspecto,

apressára-se entretanto a fazer gravar o vulto do illustre refugiado, commettendo-nos o cuidado de commemorar em artigo explicativo as phases da sua vida militar e politica, para satisfação dos leitores que desejassem instruir-se d'essas particularidades.

Não é nosso proposito traçar aqui a biographia completa do general distincto, e menos ainda tecer-lhe o panegyrico. Qualquer dos empenhos fôra para nós de difficil ou impossivel realisação. Fallecem-nos para o primeiro subsidios e documentos indispensaveis e custosos de reunir pela escassez do tempo; ao passo que a rudeza e independencia da nossa penna não nos consente sequer tentar o segundo. Restringimo-nos, portanto, n'estas breves linhas pouco mais que a reproduzir ou extractar o que lemos nas folhas diarias da capital, sem que possamos, comtudo, responsabilisar-nos por uma exactidão rigorosa, no que respeita á ordem dos factos e datas.

II

É o antigo principado da Catalunha uma das mais ricas e consideraveis provincias da Hespanha actual, favorecida pela notavel fertilidade de um solo uberrimo em producções de todo o genero, e pelos proventos da industria fabril e do commercio, que seus laboriosos filhos exercem em larga escala desde muitos annos. Aptos para toda a casta de trabalho, robustos e caracterisados por paixões vivas e fogosas, que os tornam propensos á sobranceria e implacaveis na vingança, os catalães mostraram-se em todos os tempos extremamente ciosos de seus foros e liberdades: já levantados contra Filippe IV, em 1640; já oppondo a mais vigorosa resistencia á invasão franceza, em 1808; depois insurgindo-se contra o poder absoluto de Fernando VII, em 1823; e finalmente, sustentando com denodo e tenacidade a parte que lhes tocou na lucta civil, prolongada de 1833 a 1840. Em Reus, pequena mas importante cidade d'esta provincia, não distante do Mediterraneo, nasceu o sr. D. João Prim a 12 de dezembro de 1814. Seu pae, D. Pablo Prim, seguíra com honra a carreira das armas, e chegára ao posto de tenente coronel.

O filho, depois de educado convenientemente, havendo attingido a edade em que lhe era mister tomar destino, abraçou de preferencia a profissão paterna, e levado dos instinctos liberaes, que já então preponderavam no seu animo, assentou praça de *soldado distinguido* no batalhão de atiradores de Isabel II, em 21 de fevereiro de 1834, quando na cruenta guerra civil, que assolou Hespanha por seis annos, começavam a debater-se mais activamente as forças da rainha regente contra os partidarios de D. Carlos.

Começou o novel militar a assignalar-se desde logo por actos de valor e coragem, que lhe grangearam a estima e respeito de seus camaradas, e o fizeram percorrer successivamente os postos, que soube ganhar á custa do proprio sangue. Durante o primeiro anno do seu tirocinio tomou parte em nove acções, sendo em uma d'ellas ferido, e obtendo por distincção, em 12 de abril de 1835, o posto de alferes, no qual se demorou apenas quatro mezes, por ser promovido a tenente em 24 de agosto do mesmo anno.

Foi n'este posto que assistiu á batalha de Santo Hilario, em 24 de fevereiro de 1836. Ahi, na maior força da peleja, viu-se o joven official com uma bandeira na mão precipitar-se á frente da sua companhia sobre o inimigo, e obrigal-o a abandonar a posição onde se entrincheirára. Pouco depois, na batalha de Villa-mayor, foi elle o primeiro a penetrar n'aquella povoação, senhoreada a esse tempo pelos carlistas. Avançava destemido através de uma chuva de balas, quando lhe coube a sorte de ser segunda vez ferido na coxa direita. Distinguiu-se não menos em Taradell, onde, depois de combater com a bravura a que se acostumára, matou um lanceiro carlista, apossando-se-lhe das armas e cavallo.

Pelejou com egual denodo em 1837, nas acções de San Felix, Sasserra e San Miguel de Taradell. Recommendado por seus chefes em uma d'ellas, foi-lhe conferida como distincção honrosa a cruz de S. Fernando, primeira de tantas condecorações que hoje lhe adornam o peito.

Ganhou o posto de capitão graduado, pelo valor com que se houve nas acções de Capsacosta e de Gerri; e a cruz de Isabel a Catholica na escaramuça que obrigou o inimigo ao levantamento do sitio de Puycerda.

Na campanha do anno seguinte foi dos primeiros a entrar em Ripoli, cidade da Catalunha occupada pelos carlistas. Recebeu ahi o terceiro ferimento, e logo depois a effectividade no posto de que tinha a graduação.

Em julho d'esse anno serviu no sitio da importante praça de Solsona. Nomeado para commandar a columna do assalto, conseguiu apoderar-se da porta principal, forçando os inimigos a encerrarem-se no paço do bispo; e apesar de gravemente ferido no braço esquerdo, ahi os foi accommetter, obrigando-os a renderem-se. Estas façanhas foram-lhe premiadas com augmento de graduação, e com a cruz especialmente creada para remunerar os que tiveram parte no assalto.

Apenas restabelecido, passou a commandar um dos batalhões do regimento de Zamora, tornado celebre nas excursões das serras da Catalunha. Não menos de duas vezes foi ferido na acção de 5 de novembro, sem comtudo largar o campo, sustentando até ao fim a retirada das tropas, e contendo em respeito as forças do inimigo, seis vezes mais numerosas.

Deveu o posto de major de batalhão a outro feito de armas egualmente notavel. Foi elle que em 1839, no sitio de Urgel, á frente de tres companhias, principiou o ataque, investindo os inimigos á vista de todo o exercito liberal, que maravilhado testimunhava e applaudia tal bravura e intrepidez.

Em abril do mesmo anno distinguiu-se, como de costume, em Rioxa, á frente dos caçadores da guarda avançada. No dia 17 teve de haver-se com tropas de força triplicada, e causou-lhes tamanho estrago, que, em virtude de recommendações, obteve a nomeação de primeiro commandante.

Não menos brilhantemente se portou em 14 de novembro. Debaixo de uma nuvem de balas, tendo um cavallo morto, e achando-se elle proprio ferido no peito, voltou ao fogo depois do primeiro curativo, sem que fossem bastantes para desvial-o conselhos e instancias de superiores e amigos. Logo no dia immediato appareceu egualmente na acção de Percacam á frente de seus soldados, cobrindo a retirada, e exposto aos tiros das tropas inimigas, que o feriram duas vezes, sem que ainda assim se resolvesse a abandonar o seu posto. Tal dedicação e coragem foram d'esta vez remuneradas com a patente de tenente coronel, e uma segunda cruz de S. Fernando.

Assignado o convenio de Vergara entre Maroto e Espartero, porém não terminada a guerra, que o improvisado general Cabrera continuou ainda por algum tempo com a sua usual ferocidade nas provincias de Aragão e Catalunha, Prim, apenas mal convalescido dos ultimos ferimentos, entrou nas acções de 1 e 4 de fevereiro em Peracani. Collocado no ponto mais perigoso, foi ferido em um pé, e teve o cavallo morto. No ultimo d'estes combates poz-se á frente de alguma cavallaria, e carregando sobre os carlistas, os obrigou a ceder o campo. Por este importante serviço foi-lhe conferida a graduação de tenente coronel major.

III

Começa n'esta epocha a vida politica de Prim. Nomeado em 1841 pelo regente Espartero sub-inspector dos carabineiros, declarou-se em pouco tempo seu adversario, filiando-se no partido liberal progressista, a cuja frente estava Olozaga; e teve por isso de combater os seus antigos companheiros de armas, concorrendo poderosamente para o triumpho da causa a que se ligára. Os serviços que lhe prestára não podiam ser esquecidos. Viu-se em breve nomeado coronel, governador de Madrid; successivamente promovido, em 1843, a brigadeiro e marechal de campo; e foram-lhe concedidos os titulos de conde de Reus e visconde de Bruc.

Após a estrepitosa e rapida quéda do ministerio Olozaga, os moderados que subiram ao poder declararam-se seus perseguidores, e fizeram-n'o responder perante um conselho de guerra. Este, apesar da eloquente defesa que elle mesmo proferiu, condemnou-o em seis annos de prisão nas ilhas Mariannas. A sentença não chegou, comtudo, a ter effeito, graças aos anteriores serviços do condemnado, e ás instancias de sua mãe, D. Theresa Prats, que lhe alcançaram o perdão.

Sendo posto em liberdade, saiu da patria, e viajou durante os annos de 1845 e 1846 em paizes estrangeiros.

No anno de 1847 foi nomeado capitão general de Porto-Rico, capital das Antilhas hespanholas. Entrando no exercicio do cargo com a actividade que o caracterisa, deparou-se-lhe occasião de enviar ao governador da ilha de Santa Cruz, possessão dinamarqueza, um soccorro tão opportuno e efficaz, que salvou esta colonia, então ameaçada por uma revolta dos negros. El-rei de Dinamarca, em attenção a tão importante serviço, condecorou-o com a gran-cruz da ordem de Dannebrog.

Voltando para Hespanha em 1848, foi, passados dois annos, eleito deputado; e tomando assento como tal, começou para logo a manifestar-se orador distincto, alliando a sciencia do estadista com o valor e conhecimentos proprios do militar.

Como chefe de uma commissão militar enviada á Criméa na guerra de 1853, foram de notavel prestimo aos alliados a sua experiencia e conselho. Contrahiu amizade particular com Omer Pachá, e mereceu as boas graças do sultão, que o presenteou com uma espada de honra, condecorando-o com as insignias do Medjideado.

A revolução de 1854 o chamou novamente á patria. Nas eleições que se seguiram foi eleito deputado, cuja cadeira trocou pouco depois pelo exercicio de governador de Granada, para que o governo o despachára. Em 1858 foi nomeado senador, promovido a tenente general, e honrado pela rainha com o cargo de seu gentil-homem.

Tendo a Hespanha declarado guerra aos marroquinos em 1859, foi nomeado commandante da divisão de reserva. O seu comportamento em todo o curso d'esta campanha correspondeu cabalmente ao que devia esperar-se da sua reputação como soldado valoroso e aguerrido, e chefe intelligente e perspicaz. Distinguiu-se principalmente em 1 de janeiro de 1860 na batalha de Castillejos, em que, á frente dos batalhões de Vergara, do Principe, de Luchena e de Cuenca, se arremessou ao centro das hostes de Muley Abbas, e por tres vezes fez dispersar as enormes massas que se lhe oppunham. Em recompensa de tão brilhantes feitos recebeu o titulo de marquez de Castillejos.

O modo como, sendo-lhe commettido o commando das forças expedicionarias dirigidas contra o Mexico, se desembaraçou do encargo, evitando o que, a seu ver, importava desar no brio hespanhol e quebra da dignidade nacional, está ainda na lembrança de todos. Dispensâmo-nos, pois, de uma narrativa que mal cabe no curto espaço que nos resta para concluir este artigo.

Tão pouco nos demoraremos com os pormenores da tentativa revolucionaria por elle premeditada (cujo alcance é ainda agora um enigma), e que, posta em começo de execução em Villarejo a 2 de janeiro d'este anno, deu, por mallograda, em resultado a sua actual emigração. Entrou por Barrancos em Portugal a 23, acompanhado dos regimentos de Baylen e Calatrava, unicos que de principio conseguiram unir-se-lhe, e permaneceram fieis durante dezenove dias de marchas e contramarchas estrategicas, não menos penosas que arriscadas. As folhas da imprensa periodica, attentas a seguir diariamente os passos do movimento, não poderam em verdade, por mingoa de noticias, ser tão explicitas e exactas como se desejára; porém essa deficiencia ficou até certo ponto supprida com o manifesto que o proprio general entregou á publicidade, e que, transcripto dos jornaes hespanhoes para os portuguezes, corre hoje nas mãos de todos.

......Incedis per ignis
Suppositos cineri doloso.

25 de fevereiro de 1866.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 375)

VII

SACRISTIA

A sacristia fica ao lado da capella-mór, detraz do tumulo del-rei D. Sancho I. Foi reedificada completamente no seculo XVII com bastante grandeza. Tem de comprimento 16m, de largura 10m,44, e de altura 14m,66. A abobada é de cantaria, e o pavimento de pedra em mosaicos, imitando os lavores da abobada. As paredes são revestidas de azulejos, e n'ellas se abrem quatro porticos e várias janellas e portas. Os porticos acham-se decorados com folhagens e outros lavores. Um dá entrada para a capella da sacristia, e os outros para as casas do lavatorio, de deposito de calices e de arrecadação de missaes, livros de cantochão, etc. A casa do lavatorio tem uma boa fonte de marmore branco, preto e vermelho. As outras duas casas são guarnecidas de contadores e caixões com gavetas, tudo de pau santo marchetado de marfim. É uma rica obra, principalmente os contadores. Em volta da sacristia correm eguaes caixões, e por cima d'elles ornam as paredes quadros a oleo, alguns de boa pintura. Fallando de dois d'estes paineis (o *Descendimento da cruz* e a imagem de um santo) o conde de Raczynski, na sua estimavel obra *Les arts en Portugal*, diz a respeito do primeiro, que *é digno de elogio tanto pelo seu estilo, como pelo desenho;* e ácerca do outro, que *é um excellente spécimen d'esse genero de antigas pinturas attribuidas ao Grão-Vasco.* A sua opinião é pouco favoravel para com o painel da *Descida do Espirito Santo sobre os apostolos*, que alli é reputado por excellente. E todos sabem quão entendido é o conde de Raczynski n'este ramo das bellas artes, e com que zêlo e trabalho procurou estudar os progressos que n'elle tem feito este paiz desde a infancia da monarchia. Ha mais dois quadros na mesma sacristia (o *Ecce Homo* e *Christo crucificado*), que entre nós gozam de apreço: mas que, todavia, não captivaram a attenção d'aquelle intelligente amador. N'este mesmo caso está um *Senhor crucificado*, de vulto, que se vê no meio de uma parede da dita casa.

VIII

CASA DO CAPITULO, CAPELLA E TUMULO DE S. THEOTONIO

A casa do capitulo tem porta para o claustro principal, chamado do *Silencio*. Vestem-se as suas paredes de azulejos; porém a abobada é de pedra, artezoada, e com florões nos remates, como a da egreja. Pertence ao systema de obras de reedificação executado no reinado del-rei D. Manuel.

Tem esta casa no fundo uma rica e vistosa capella dedicada a S. Theotonio, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz, que ahi jaz em tumulo de marmore. Foi começada esta capella no anno de 1582. Mandou-a fazer o dom prior geral D. Pedro de Assumpção. Delineou-a e dirigiu os trabalhos da construcção Thomé Velho, que era então reputado pelo melhor architecto do reino depois de Filippe Tercio.

Construida segundo o estilo do renascimento, que, como temos ponderado em outras occasiões, raras obras de merecimento produziu em o nosso paiz, não se póde dizer que sobresáia pelo bom gosto artistico. Entretanto, está profusamente decorada, e entre os seus ornamentos avultam as estatuas de S. Theotonio e dos quatro evangelistas, aquella por cima do altar, mettida em um nicho; e estas nas paredes lateraes.

O mausoléo de S. Theotonio é de marmore. Concluiu-se em 1630, e no dia 7 de abril d'esse mesmo anno fez-se a trasladação das reliquias do santo, sendo conduzidas em procissão com grande pompa, e celebrando-se festa com apparatosa solemnidade.

N'esta mesma capella se acham mais dois tumulos, mettidos nas paredes lateraes. São ambos de marmore e eguaes no feitio. No do lado do evangelho repoisa D. Tello, fundador do primeiro mosteiro de Santa Cruz, e, segundo diz o epitaphio, fallecido em setembro de 1140, e transferido da antiga sepultura no claustro para este tumulo em 7 de abril de 1630. O tumulo do lado da epistola encerra os ossos de D. João Theotonio, segundo prior d'este mosteiro, fallecido em novembro de 1181, e trasladado do claustro para aqui no mesmo dia e anno das trasladações referidas.

Junto á casa do capitulo ha uma capella consagrada a S. Miguel, cujo retabulo é todo de pedra, assim como tambem a estatua do archanjo.

IX

CLAUSTROS

São tres os claustros, chamados da *Portaria*, do *Silencio* e da *Manga*. O primeiro é contiguo á antiga portaria do mosteiro, e dá-lhe ingresso a denominada *porta fidalga*. Este claustro é o mais moderno dos tres, e não se distingue por circunstancia alguma que mereça mencionar-se.

O *claustro do Silencio* é o principal em architectura e belleza, e tambem o era no tempo dos conegos quanto ás funcções a que a religião o destinava. E como por esta razão os preceitos monasticos obrigavam os conegos a guardar n'elle rigoroso silencio, ficou-lhe este nome por antonomasia, como indicativo de preeminencia.

É este claustro uma das obras executadas no reinado e com auxilio del-rei D. Manuel; sendo a principal despeza á custa da ordem, do que dão testimunho, ao que parece, os escudos das armas que se vêem nos remates das abobadas, que são os cinco gaviões em aspa, brazão de D. Pedro Gavião, dom geral dos conegos regrantes ao tempo em que se fazia esta construcção. Se el-rei D. Manuel fôra propriamente o fundador, appareceriam as armas reaes e as suas conhecidas divisas em logar d'aquelle brazão.

Tem este claustro um quadrado por projecção horisontal, com 35^{m},55 de comprimento em cada um dos seus quatro lanços. São estes de abobada de pedra artezoada, com os referidos brazões nos remates. Os vinte arcos, que se abrem nos quatro lanços, são de volta curvilinea e formados de columnas, que, á maneira de troncos cobertos de folhagem, ramificam do logar onde começa a volta do arco para o centro; e, descançando ahi sobre outra columna do mesmo feitio, servem de base a um olhal oblongo, tambem revestido das mesmas folhagens, e que vae terminar no ponto agudo do arco. A gravura que publicámos a pag. 233, copiada de um desenho original do nosso habil desenhador, o sr. B. Lima, mostra com exactidão não sómente a architectura do claustro, mas tambem as miudezas da ornamentação.

Os lavores que revestem as columnas de alto a baixo, guarnecendo do mesmo modo as outras partes decorativas, demonstram claramente que este claustro pertence ao estilo gothico florido. Todavia, se aquelles brazões não dessem irrecusavel testimunho da epocha da sua fundação, poder-se-hia attribuir esta ao reinado del-rei D. João II, no qual a architectura gothica já tinha perdido toda a sua pureza, trocando a esbelta simplicidade que a distinguia pelos adornos com que se ia abastardando; porém não ostentava aquella profusão e variedade de ornamentos e mistura de estilos differentes, que são os verdadeiros distinctivos da architectura gothico-florida no seu ultimo periodo, correspondente ao reinado de D. Manuel. Deveremos, portanto, suppor que o architecto, riscando o claustro do *Silencio*, quando este reinado ia em mais de metade do seu curso, reagia contra a degeneração da arte gothica, e n'elle quiz deixar consignado o seu protesto.

O centro d'este claustro é adornado por uma fonte mui elegante com duas taças e uma pequena estatua por coroa; e em dois dos quatro angulos vêem-se mais duas fontes, uma de marmore côr de rosa, mas que ao presente não deita agua; a outra de pedra ordinaria e coberta com sua cúpula abobadada; porém o que tem de menos na riqueza dos materiaes, tem de mais na abundancia do manancial.

Em tres dos quatro lanços avultam paineis ou retabulos de pedra com as figuras em relêvo. No lanço do sul acha-se embebida na parede uma lapida com inscripção, porém tão gasta do tempo, que pela maior parte é illegivel. O sr. Simões de Castro, na sua *Guia do Viajante em Coimbra*, diz a este respeito o seguinte: «Acerca d'esta pedra lemos nas *Memorias de Santa Cruz: Na era de* MCCLXVI, *he anno de* 1228, *João Bispo Cardeal Sabino, legado á Latere em Espanha do Papa Gregorio* IX, *passando de caminho por esta Cidade, foi hospede e agasalhado neste real mosteiro, e a instancia do Prior mór Mestre Dom João Paes, que ainda não tinha um mez inteiro de Prior, sagrou a egreja velha deste real mosteiro em os 7 de Janeiro; como consta das letras apostolicas da sagração que o cardeal passou = Dat apud Cerolicum Idibus Januarii, Anno ab = Incarnatione* MCCXXVIII. *Este breve em pergaminho se conserva no cartorio deste real mosteiro, e no primeiro lanço do claustro, na parede, se vê ainda uma pedra meio gastada com o mesmo breve nella entalhado.*»

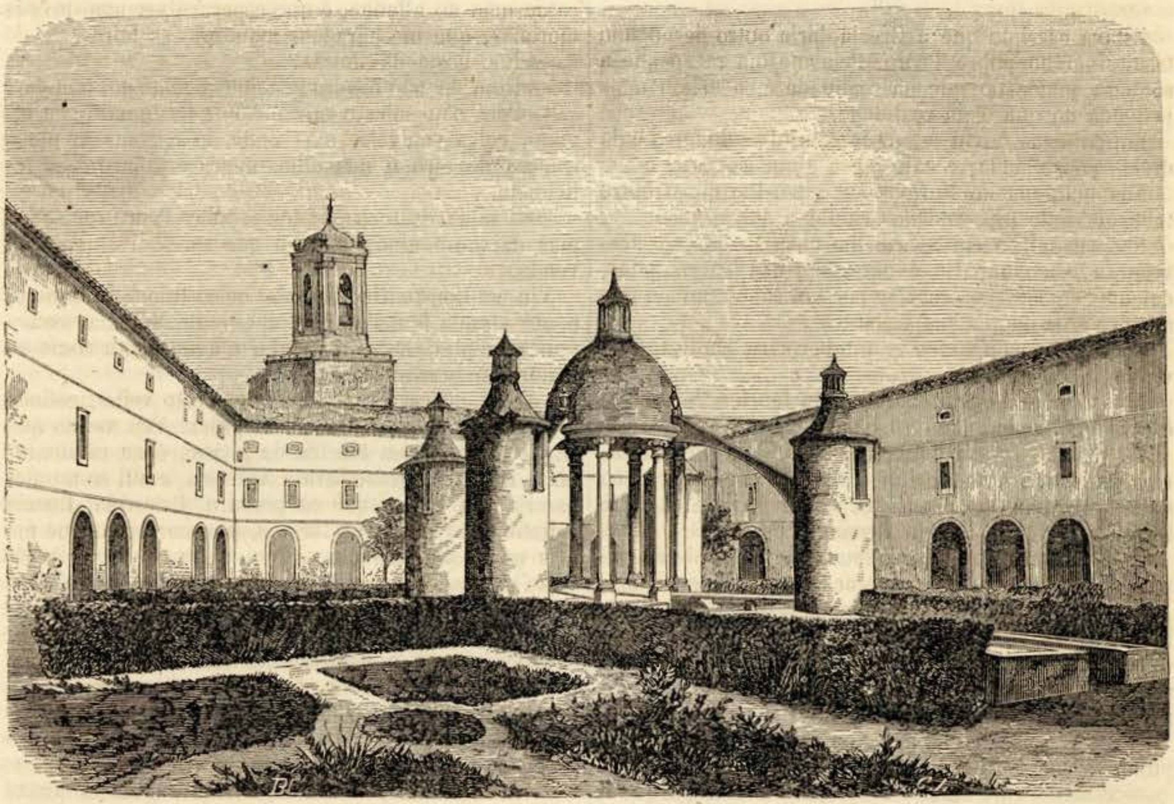
D'entre várias capellas que ha no *claustro do Silencio* faz-se notar a da invocação de *Santo Christo* por causa de dois mausoléos antigos que ahi se conservam. Lê-se no da parte do Evangelho o seguinte epitaphio: *Aqui jaz Dom Pedro Bispo da Guarda Prior deste mosteiro e Capellam mór de El Rei Dom Manuel: Ho qual mandou fazer a Egreja com a capella e capitulo desta caza, e outras muito boas obras com que a ennobreceo. Faleceo em ho anno do Senhor de* MDXLI. *Em hos* 13 *dias de Agosto.*

O tumulo do lado da epistola tem esta inscripção: *Aqui jaz Dom João de Noronha e Menezes* XXV *Prior Mór deste Mosteiro. Filho de Dom Pedro de Menezes,*

primeiro Marquez de Villa Real; e da Marqueza Dona Brites de Lara. Faleceo a 24 de Agosto. Anno do Senhor 1506.

Sobre os quatro lanços d'este claustro corre uma galeria, que é coberta em tres d'aquelles lanços, sendo o tecto sustentado por pequenas columnas, e descoberta no quarto por ter ficado por acabar. Junto d'este ultimo acha-se uma capella, actualmente muito arruinada, mas que foi mui rica em obra de talha doirada. É denominada *capella dos Meninos de Palhavã*, em razão de ter sido edificada pelos srs. D. Antonio e D. José, filhos bastardos del-rei D. João v, os quaes fizeram os seus estudos no mosteiro de Santa Cruz, e porque lhes estabeleceram a sua residencia, depois de reconhecidos por el-rei D. José I como seus irmãos, no palacio dos condes de Sarzedas, hoje dos srs. condes de Azambuja, no sitio de *Palhavã*, logo á saída de Lisboa pela estrada de Bemfica, principiou o povo a chamar-lhes *Meninos de Palhavã*, nome com que sempre os designou, não obstante a edade avançada a que chegaram.

O *claustro da Manga* é assim chamado porque foi construido segundo o risco feito por el-rei D João III na manga do seu roupão. A obra não acredita, certamente, o bom gosto de quem a traçou. Mas, apesar de ser o soberano o architecto, póde-se apresentar como um spécimen da architectura pesada e desengraçadissima, que, quasi no principio do seu reinado, substituiu o gothico florido. Os quatro lanços tem mais similhança exteriormente com uma casa particular de



Claustro da Manga, no mosteiro de Santa Cruz

modesta apparencia, que com um claustro. E a fonte que adorna o centro, na qual o seu auctor parece ter empenhado todos os recursos da sua arte, é uma immensa mole sem graça nem especie alguma de belleza.

A fonte tem duas taças, e levanta-se debaixo de um pavilhão, cuja cúpula é sustentada por oito altas columnas de marmore. Em torno do pavilhão, a pouca distancia, acham-se quatro capellas circulares, com as portas voltadas para a fonte, e cobertas com cúpulas no mesmo gosto da do pavilhão. Ligam este ás capellas quatro botaréos vasados e abertos em quarto de circulo. Todas estas construcções estão cercadas de alegretes de flores, e de oito lagos em fórma de canaes, de maneira que o pavilhão communica-se com as quatro capellas por meio de pontes ou passadiços de lagedo. Os retabulos das capellas são de pedra, em relêvo, e representam *S. João Baptista* em contemplação no ermo; *S. Jeronymo*, tambem no ermo, adorando a cruz; *S. Paulo*, primeiro eremita; e *Santo Antonio*, no deserto, resistindo á tentação do demonio. Foram esculpidos estes quatro retabulos pelo mestre João de Ruão, francez. A nossa gravura, que retrata fielmente este claustro, foi copiada de um desenho original do sr. Barbosa Lima.

No lanço do norte d'este claustro existe a celebre capella dos *Ossos*, hoje fechada, mas que outr'ora se patenteava ao publico. As paredes, abobada e altar, são fabricados e guarnecidos de caveiras e ossos, que se diz serem dos christãos que morreram pelejando pela fé no campo de Ourique, onde os mandou buscar el-rei D. Affonso Henriques para fazer esta construcção.

Sobre os lanços d'este claustro, em vez de terrados ou varandas, levantam-se dois andares, que eram occupados antes da extincção das ordens religiosas por varios dormitorios e enfermaria.

O *claustro da Manga* foi ha pouco tempo reparado e aformoseado pela camara municipal de Coimbra, que se acha na posse d'elle.

A nossa gravura mostra a parte superior da torre dos sinos, a qual fica defronte da porta que dá entrada para o *claustro da Manga*, mettendo-se ao presente de permeio uma rua publica. Aquella torre compõe-se de dois corpos: o primeiro é uma alta e grossa torre, toda de cantaria, de quatro faces eguaes, e coroada de ameias. É uma das torres edificadas por el-

rei D. Affonso Henriques para defesa do mosteiro [1]. N'ella moravam antigamente os priores-móres de Santa Cruz. Apesar de contar tantos seculos, é tal a fortaleza da sua construcção, que se acha no melhor estado de conservação. Deve a sua actual existencia a ter sido apropriada á torre dos sinos, que constitue o segundo corpo, e que foi fabricada sobre a antiga.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 371)

VIII

Estava escripto que a Grecia daria outro desengano tristissimo ao pobre Pedro. Pela mesma razão que a sonhára maior do que na realidade é, a achou mais pequena do que é na realidade.

Em Athenas ouviu fallar de caminhos de ferro e da divida consolidada, e caíu-lhe a alma aos pés.

Nas margens do Eurotas succedeu-lhe quasi outro tanto ouvindo uns soldados cantar a *Marselheza*.

Não encontrou em Sparta um cidadão que se atrevesse a acompanhal-o á passagem das Thermopilas, defendida n'aquella occasião por um cão damnado que mostrava os dentes aos viajantes.

Em Chipre soprendeu um taberneiro baptisando o vinho.

No Olympo deparou-se-lhe uma fabrica de guano, e teve que fugir tapando os narizes.

No Helicon julgou morrer de sêde, pois embora encontrasse uma fonte, bebia n'ella um jumento, e não quiz beber com este animal, como faria Alexandre Dumas ou algum de seus personagens.

No Citheron levou uma bofetada de uma robusta rapariga, a quem pretendia adorar tomando-a por Venus.

E no Pindo encontrou um poeta fazendo endecasyllabos de quatorze syllabas.

— Aborreço, exclamou Pedro, a Grecia e os seus sete sabios; porque, se na Biscaya abundam os ignorantes, ao menos não negam a sua ignorancia.

Se eu estivesse ao lado do nosso compatricio quando proferiu estas palavras, não teria deixado de dizer-lhe:

— Pedro! Pedro! Não cuspas para o ceo, porque a saliva te cairá na fronte. Olha que não és grego, e se não te consideras sabio, tambem não te julgas ignorante.

Pedro dirigiu-se para Constantinopla.

— Alli, dizia para comsigo, alli vou gozar, observando costumes diametralmente oppostos aos d'esta caduca e prosaica Europa! As mulheres de olhos negros e tez morena, cercadas perpetuamente de encantador mysterio, no fundo do harem! O povo, embora illudido nas crenças religiosas, sempre fervoroso e austero crente! O idioma ainda não adulterado pelo francez, que invade tudo e tudo reduz á prosa! O trajo livre das ridiculas vestes que chamâmos calças e casaca! E até as comidas e bebidas isentas do grosseiro e vulgar toucinho, e do vinho embrutecedor e carrascão!... Constantinopla da minha alma, que para mim não tens outro defeito senão o de teres renegado do teu poetico nome de Byzancio, quanto vou gozar dentro de tuas muralhas! Quanto me vou desforrar no teu recinto dos baldões da prosa que padeci nos reinos christãos!

Pedro descobriu, em fim, Constantinopla.

As suas cúpulas deram-lhe para logo animo.

— Que torres tão ridiculas! — exclamou ao vêl-as. Tão despidas de graça e tão redondas, que parecem cabaças collocadas sobre tachos! O campanario da egreja da minha aldeia tem, quando menos, cruz e catavento, e é de fórma tão esbelta, que dá gosto vêl-o.

Apenas poz os pés nas ruas da metropole mahometana, deu com uma porção de mulheres ás quaes se podiam cantar certas quadras que no paiz andam na boca do vulgo. Uma d'ellas disse-lhe em francez:

— Adeus, gentil cavalheiro!

Um ministro do sultão convidou-o no dia seguinte para jantar.

Depois do jantar o mahometano teve a cortezia de mostrar o seu harem ao estrangeiro. Viu alli Pedro uma collecção de loiras, que o fizeram persignar de assombro. O musulmano notou a admiração do mancebo, e perguntou-lhe a causa.

— É..., respondeu Pedro temendo que o turco se visse accommettido de um accesso de ciumes e lançasse mão do alfange, é que esperava ver aqui jovens morenas, que me agradam mais que as loiras.

— Não gosta das loiras?

— Hum!... não é coisa por que se mate um homem!

— Pois não sabe o que é bom. Costumam ser alguma coisa voluveis, mas onde se encontram umas tranças de oiro e uns olhos azues encontra-se a felicidade...

Esta saída do turco deixou o pobre Pedro regelado; mas deixou-o ainda mais o que successivamente foi vendo.

Viu em Constantinopla todos os costumes da Europa, e até alguns musulmanos, apesar de Mafoma, comerem toucinho, beberem vinho e aguardente como os maiores beberrões da Albion.

— Está observado, disse, que n'este velho, caduco e envilecido continente só ha prosa. Vou vendo que se ha Olympo sem fabrica de guano, é na minha aldeia. Parto-me, pois, para a America, e alli se me deparará, em fim, o que eu procuro. Palestina, Russia e Italia, não quero visitar-vos, porque receio que me deis novos desenganos.

No dia seguinte persistiu n'esta resolução, lendo em uma folha o annuncio de uma fabrica de papel continuo que se estabelecêra no Cedron.

Pedro cruzou o Mediterraneo em um navio inglez, fretado para Nova-York, mas que devia fazer escala de alguns dias em Londres.

Esta ultima circunstancia não desgostou o nosso viajante, que raciocinou assim:

— Encanta-me pouco a Inglaterra depois do que vi na Europa; visital-a-hemos, porém, a fim de ver se a circunstancia de estar separada d'este continente conserva n'ella algum resto de poesia.

Vejamos como Pedro se dá em Inglaterra.

IX

O nosso viajante, que levava comsigo boa collecção de livros, recorreu á leitura para tornar menos aborrecida a longa travessia dos Dardanellos ao canal da Mancha.

Leu naturalmente primeiro os livros que tinham relação com o paiz em que ia desembarcar. Quando chegou a Gibraltar e se avisinhou das costas de Hespanha, teve tanto desejo de reentrar na patria, como o tivera ao deixal-a quando atravessou os Pyrenéos. Resistiu, todavia, áquella tentação, porque já abençoava o acaso que o levava á Inglaterra. Walter Scott, Goldsmith, Moore, Shakespeare, Milton e Byron tinham-lhe rejuvenescido a alma; via dilatar-se sobre as ilhas britannicas a doirada nuvem por entre a qual as contemplára das Encartações; renasciam-lhe, em fim, todas as esperanças e illusões.

O navio entrou no Tamisa.

Pedro dirigiu com avidez a vista para as duas margens do rio, procurando a realidade de seus sonhos.

Levantavam-se por toda a parte negras columnas

[1] Já fallámos d'esta obra de defesa a pag. 34.

de fumo, e por toda a parte rugia o vapor e resoava o martello.

Reinavam em toda a parte as artes e a industria com poder absoluto.

E em toda a parte homens e mulheres, moços e anciãos, ricos e pobres, cooperavam para dar á Gran-Bretanha o titulo de rainha das artes e do commercio.

Esta denominação, que tão bella se nos figura, não devia parecer muito invejavel a Pedro, que, carregando cada vez mais o semblante, ia pelo Tamisa acima commentando quanto se lhe offerecia aos olhos com estas palavras:

— Prosa!... prosa!... prosa!... vil metal, mesquinha ambição de riquezas!

Apenas desembarcou em Londres dedicou-se a percorrer aquella grande cidade.

Fallaram-lhe de um lord escocez muito illustrado, e apressou-se em visital-o.

— Que me diz, lhe perguntou, do seu compatricio Walter Scott, o grande pintor dos costumes da Escocia?

O lord, por unica resposta, reduziu a libras esterlinas o fructo que o auctor de *Ivanhoé* tirára de seus immortaes poemas.

Ouviu-o Pedro com indignação, e voltou as espadoas ao lord.

Referiram-lhe depois que outro escocez, residente na capital e affeiçoado de cães, conservava um descendente em linha recta do que acompanhava o insigne romancista pelas montanhas da Escocia.

Pedro, mui alegre, foi ver aquelle animal, com o intuito de compral-o ainda que fosse a peso de oiro.

Entrando no parque do escocez, um enorme cão saíu a recebel-o e deitou-se-lhe ás pernas.

— Larga, larga, *Walter Scott!* — gritou um guarda.

O nobre cão obedeceu, e Pedro, desilludido, voltou para traz, amaldiçoando os cães descendentes do de Walter Scott, e até o proprio Walter Scott.

Encontrou em seguida um proprietario de Jersey, que lhe disse contar entre as suas propriedades a casa em que se refugiára Carlos II, quando o cutello de Cromwell ainda ameaçava a cabeça d'aquelle rei.

O jubilo de Pedro não teve limites.

— Invejo-lhe, disse ao insulano, tão precioso thesoiro.

— Não deve invejar-m'o, respondeu o proprietario de Jersey; destinei a minha propriedade para a criação de gado suino, e os malditos animaes, á força de minar os cimentos, arruinaram-me o edificio.

Este novo desengano poz na boca de Pedro aquella energica imprecação do auctor dos *Echos nacionaes:* «Albion! maldita sejas!»

Assistiu no dia seguinte a uma sessão na camara dos lords, e chorou como criança ouvindo lord Shark-Fellow condemnar a *exploração do homem pelo homem*.

A fé, que o ia deixando, renasceu-lhe no coração mais viva, e ao ver aquelle philanthropo resolveu-se a continuar as suas investigações.

Dirigiu-se a um dos condados, e, como se lhe apresentasse á vista uma grande fabrica de productos chimicos, foi visital-a.

— Verei aqui, disse para comsigo, centenares de honrados operarios, em cujos rostos se espelharão a saude e a alegria, que são a consequencia do trabalho.

Havia, com effeito, n'aquelle importante estabelecimento centenares de operarios; mas, vendo-os, Pedro estremeceu horrorisado: estava pintada a morte no rosto d'aquelles infelizes, cobertos de vestes andrajosas, e consumidos pela fome e pelas emanações deletéreas que aspiravam continuamente.

— Por que razão, perguntou o nosso viajante ao seu guia, não procuram esses desgraçados neutralisar a nociva influencia da atmosphera que respiram, com vestidos commodos e aceiados?

— Tomaram elles neutralisal-a, respondeu-lhe o guia, com alimentos, senão delicados, quando menos sufficientes para suffocar os gritos do estomago...

— Que me diz! Pois o trabalho não lhes produz...

— Produz-lhes apenas para um pedaço de pão negro e algumas batatas.

— E quem é o deshumano dono do estabelecimento?

— O poderoso lord Schark-Fellow.

— O que hontem me fez chorar condemnando a *exploração do homem pelo homem!* — exclamou Pedro indignado.

— Deixemos, accrescentou ao saír da fabrica, deixemos as povoações commerciaes e fabris, onde só encontro a ambição das riquezas, vis algarismos e desconsoladoras mathematicas. Oh! minha nobre patria, que santa mocidade respiras comparada com este reino! Existem em ti a egualdade e a philanthropia, embora os teus moradores não conheçam estes nomes. Os milhares de paes de familias que ganham o sustento extrahindo o ferro dos montes de Triano, e carbonisando os mattos de Revéñiga e Barrieta, apresentam a fronte coberta de suor, mas não mostram o semblante descórado pela fome, nem tem os vestidos em farrapos, nem aspiram o ambiente envenenado. Os teus honrados proprietarios sentam á propria mesa o operario, e os teus habitantes, pobres e ricos, fortes e debeis, fertilisam com o suor do rosto os campos do visinho enfermo [1].

Pezaroso com estas reflexões, Pedro chegou a uma pobre aldeia, cujo aspecto fortaleceu ainda mais a recordação d'aquella em que nascêra.

Tinha tambem aquella aldeia uma egreja, para a qual dois sonoros sinos chamavam os aldeões.

O coração de Pedro rejuvenesceu-se, digamol-o assim, com aquellas recordações, com aquelle espectaculo e com o toque d'aquelles sinos.

Dirigiu-se ao templo, porque tinha necessidade de orar, de levantar o coração para Deus, e até invocar ao pé dos altares o nome de sua mãe e de sua amada; mas de repente obscureceu-se-lhe o rosto de tristeza. Não lhe havia occorrido até então que aquelle templo não estaria consagrado ao culto catholico. Um aldeão, a quem interrogou, veiu confirmar as suas suspeitas: aquella egreja pertencia ao culto anglicano.

Pedro chorou de magoa. Daria dez annos de vida para poder ajoelhar n'aquelle instante aos pés da Virgem, cujo altar sua mãe tantas vezes ornára com rosas coroadas de lagrimas ou de alegria.

Ergueu instinctivamente os olhos para o ceo, e logo levando aos labios a reliquia que lhe dera sua mãe, cobriu-a de beijos e lagrimas.

Quiz afastar-se do templo anglicano; mas, em fim, decidiu-se a entrar n'elle, considerando que se alli não podia desafogar o sentimento religioso, quando menos poderia satisfazer o sentimento esthetico.

(Continua)

OS CEGOS

É grande o numero dos cegos na terra. Encontram-se a cada passo nas ruas; descobrem-se a cada pagina nos livros.

Não será Isac o primeiro cego conhecido? Pela falta

[1] Nas provincias vasconças existe, com effeito, este santo costume. Quando o parocho se volta do altar para os parochianos, diz-lhes:

— Fulano está doente, e a sua herdade sem ter quem a semeie. No proximo domingo, se Deus quizer, celebrar-se-ha a missa ao romper do sol, em vez de celebrar-se ás dez horas. Ouçam-n'a, e depois poderão ir ajudar o pobre Fulano. Fez-nos Deus a todos irmãos, e o suor que derramem na herdade do vosso visinho será tambem réga abençoada para os vossos campos.

No proximo domingo os habitantes do valle ouvem a missa ao assomar o sol nos altos montes, e vão em seguida pobres e ricos, pequenos e grandes, mulheres e homens, ao campo do visinho enfermo, que fica semeado quando o sol desapparece nas montanhas oppostas. A festa que nos outros domingos alegrava o nogueiral da egreja, foi aquelle domingo alegrar os campos do pobre doente, que estavam tristes vendo-se sem a cultura que alegrava os seus irmãos.

de vista, deu elle a Jacob a benção que devia a Isaú. Quantos paes não tem commettido o mesmo erro, tambem por falta de vista!

Á frente dos antigos cegos ponhamos tambem Edipo, que não via claro senão para adivinhar enigmas. É sabida a occasião em que elle arrancou os olhos. Sophocles, Voltaire e Ducis fizeram-lhe referir as desventuras em versos sublimes, como egualmente Sacchini as fez cantar em agradabilissimas arias. Abstemo-nos de qualquer pormenor ácerca d'esse assumpto. A materia é delicada para se tratar em um artigo moral. Os factos d'esta especie só podem referir-se, sem escandalo, na scena.

No tempo de Edipo vivia Tiresias, o qual foi cego e divino, o que não é absolutamente incompativel. Tiresias perdeu os olhos para ser mais bem servido: enxergára Pallas quando se banhava no Hyppocrene, e Pallas zangára-se. Pallas tinha, provavelmente, alguma secreta imperfeição, e o amor proprio é menos indulgente que o pudor.

As musas arrancaram os olhos ao cantor Thamyris, porque se atrevêra a desafial-as. Foi o que elle ganhou em offender nas suas pretenções os espiritos feminis.

Anchise cegou fulminado por um raio, que o castigou por ter divulgado os favores que Venus lhe concedêra. Prova-se n'isto que as aventuras com as grandes damas, como Venus, não são as melhores.

Os philisteus, para se vingarem de Sansão, que os batêra com uma queixada de jumento, arrancaram-lhe os olhos depois de se apoderarem d'elle traiçoeiramente. Sansão vingou-se esmagando-os debaixo das ruinas do seu proprio palacio. Ha homens que para destruirem tudo só necessitam de se deixarem morrer. Sansão fôra vinte annos juiz e general em Israel.

Tobias perdeu e recuperou a vista de um modo singular. O fel de um peixe lhe restituiu o que o excremento de uma andorinha lhe tirára.

É, sem dúvida, Belisario o mais illustre dos cegos: a salvação do imperio custou-lhe os olhos. Justiniano viu depois um heroe que fizera a favor do imperador tudo o que podia fazer contra elle; mas, apesar d'isso, achou menos inconvenientes em mostrar-se ingrato que reconhecido. Este exemplo não tem deixado de ter imitadores. Justiniano seguiu um principio, que, embora não seja justo, tem sido religiosamente observado como principio de direito no codigo do mais forte.

João de Trocznou, cognominado *Zisca*, que quer dizer zarolho, era um corajoso cego. Este chefe dos hussitas tinha já perdido um olho na batalha, quando, no assedio de Rubi, uma flecha lhe tirou o outro. Cego dos dois olhos, João de Trocznou nem por isso deixou de pelejar mais valorosamente. Ligado no cavallo, levava a desordem e o terror ás fileiras do inimigo, gritando como surdo e ferindo como cego. Depois da sua morte, e por determinação propria, na hora do passamento foi-lhe arrancada a pelle ao cadaver para fazer um tambor: de modo que, embora lhe tivesse já descido á terra o corpo, o chefe Trocznou marchava ainda á frente do exercito, e dava aos soldados o signal da victoria.

Tem sido cegos innumeros poetas. Entre os mais celebres sobresaem Homero, Milton e Castilho.

Houve um trovador, que só acreditava na metade do seu genio, porque cegára de um olho.

Piron cegou nos ultimos annos da sua vida. Nem a sua alegria nem a sua jovialidade foram alteradas por isso. Encontrou-se-lhe no testamento mais uma prova. Uma sobrinha de Piron recebia as visitas amorosas de um musico, por nome Caperon; e como julgasse inutil participar este facto ao tio, deitava á conta do gato o ruido que o discreto namorado fazia á entrada ou saída de casa. O cego, que parecia não duvidar do que lhe diziam, mandou inscrever no testamento um legado consideravel *para o gato de sua sobrinha.*

A cegueira tambem não alterou nunca a admiravel doçura de La Mothe Houdard. Tendo um dia pisado um mancebo, este apupou-o, e La Mothe respondeu para logo:

— Faz bem em zangar-se; eu sou cego.

Castilho tambem não perdeu a serenidade do animo quando cegou; e, pelo contrario, o desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes tornou-se desde então mais admiravel e prodigioso. Isto é sabido de todos.

Ha ainda hoje em Hespanha uma poetisa, *la ciega de Manzanares*, que, apesar das provações por que tem passado, não perdeu nunca a agudeza do seu engenho, e até chega a improvisar bellissimos versos.

Delille perdeu a vista muito antes de perder a vida. Até ao ultimo dia não viu menos do que vira anteriormente á cegueira, nem deixou de descrever em suavissimos versos os quadros brilhantes da sua ardente imaginação.

Le-Brun, o pindarico, como tinha maus olhos, inculcava-se cego. Não podia tolerar, por isso, que Delille tivesse a menor vantagem sobre elle.

Os cegos encontram os olhos nos extremos dos dedos; mas os dedos muitas vezes os enganam.

A senhora de Deffant, que era muito mais curiosa desde que não via, tocava em tudo para observar os objectos, e fazia, apalpando-os, conhecimento com todas as physionomias. Gibbon veiu a Paris, e certo dia foi-lhe apresentado. Desejando formar juizo seguro ácerca das feições de homem tão celebre, apalpou as faces d'este historiador, que era dos mais desvanecidos e risiveis:

— Acho n'ellas espantoso chiste! — exclamou a senhora de Deffant.

Os dedos encontravam-lhe só, portanto, um rosto sem defeitos.

São cegas muitas divindades.

O Amor, a Fortuna e a Justiça representam-se com faixa nos olhos. O Amor e a Fortuna, concebe-se; mas a Justiça, admira! Será para que tambem não conheça as acções que pratica? Não terá em conta os direitos como os outros cegos não tem as qualidades nem os graus da escala social? Themis ferirá, em fim, ao acaso como o Amor?

Suppliquemos, ao menos, que a Justiça não favoreça como a Fortuna.

Os cegos tem-se multiplicado em uma proporção notavel. Encontram-se agora em todos os logares publicos. Sabem, ao que se diz, que, fechando os olhos, hão de ser attendidos.

Resulta da agencia de cego algum proveito, mas é preciso bem desempenhal-a.

Arlequim não era dos mais habeis. Um dia que acotovelava a multidão, disse para um individuo:

— Senhor de casaca vermelha, dê alguma coisa ao pobre cego.

— Ó gaiato, respondeu-lhe o tal senhor, se tu és cego, como vês que eu tenho casaca vermelha?

— Quando disse — dê alguma coisa ao pobre cego — enganei-me, meu senhor, replicou Arlequim. Senhor da casaca vermelha, dê alguma coisa ao pobre mudo, é o que quero dizer.

Diz-se que nos paizes dos cegos são reis os que tem um olho. Os cegos podem ter, com effeito, interesse em serem governados por homem que veja de um só olho. Mas se, por acaso, o sceptro acertasse em mãos de um cego, quem guiaria o povo? O cão que conduz o cego. Esse povo deveria então pedir a Deus que o animal fosse fiel, e nunca o dominasse a raiva.

B. A.